

A CASA DO SIMULADO



MINISSIMULADO 73/360

PORTUGUÊS





SIMULADO – 73/360

PORTUGUÊS

INSTRUÇÕES

- **TEMPO: 30 MINUTOS**
- **MODALIDADE: CERTO OU ERRADO**
- **30 QUESTÕES**



COMPOSIÇÃO DO SIMULADO

- **30 Questões Português**



DEMAIS SIMULADOS NO LINK ABAIXO



[CLIQUE AQUI](#)

REDE SOCIAL



[CURTA NOSSA PÁGINA](#)

MATERIAL LIVRE

Este material é **GRATUITO e pode ser divulgado e compartilhado**: A Casa do Simulado a autoriza. A venda desse material é proibida!

IMPORTÂNCIA DO TREINO DIÁRIO

É de conhecimento de todos que fazer questões é um dos melhores métodos de absorção de conteúdo, em contrapartida nem todos podem dispendir tempo para se organizar e realizar questões com a frequência necessária para manutenção dos conceitos. Todo dia haverá um minissimulado novo, se não puderem fazer todos os dias, ao menos no final de semana treine, a equipe da Casa do Simulado deseja a todos bons estudos.

TEXTO I

Texto I

1 O ano de 1881 foi dos mais significativos e
importantes para a ficção no Brasil, pois que nele se
publicaram as **Memórias Póstumas de Brás Cubas**,
4 de Machado de Assis (saídas na **Revista Brasileira**, no ano
anterior) e **O Mulato**, de Aluísio Azevedo. Com estes livros
se encerrava a indecisão da década de setenta, e tomavam
7 corpo duas das tendências nela delineadas, a da análise,
prenunciada nos primeiros trabalhos do próprio Machado
de Assis, e a naturalista, prefigurada principalmente pelo
10 **Coronel Sangrado**, de Inglês de Sousa, e por **Um Casamento**
no Arrabalde, de Franklin Távora. A terceira, a regionalista,
só um pouco depois ganharia feição mais nítida.

13 No momento, impressionou muito mais a novidade
do **Mulato** — sob muitos aspectos ainda tão preso às
deformações românticas — do que a do **Brás Cubas**,
16 muito mais completa e audaciosa. É que aquele não só trazia
um rótulo em moda, como, parecendo revolucionário e
de fato o sendo pelo tema, continuava a velha linha nacional
19 de romances que encontravam na descrição de costumes o seu
centro de gravidade; foi por isso mais facilmente entendido
e admirado. Pelos livros de Zola e Eça de Queirós, estavam
22 o meio intelectual e o público que lia preparados para receber
afinal uma obra naturalista brasileira, que na verdade se fazia
esperar, ao passo que nada os habituara de antemão à nova
25 maneira de Machado de Assis, já que nenhum crítico
vislumbrara as sondagens psicológicas escondidas sob os casos
sentimentais que até então de preferência contara. Toda a gente
28 se deslumbrou — ou se escandalizou — com **O Mulato**,
sem perceber que o espírito de inovação e de rebeldia
estava mais nas **Memórias Póstumas de Brás Cubas**.
31 Aqui, ousadamente, varriam-se de um golpe o sentimentalismo,
o moralismo superficial, a fictícia unidade da pessoa humana,
as frases piegas, o receio de chocar preconceitos, a concepção
34 do predomínio do amor sobre todas as outras paixões;
afirmava-se a possibilidade de construir um grande livro sem
recorrer à natureza, desdenhava-se a cor local, colocava-se um
37 autor pela primeira vez dentro das personagens; surgiam afinal
homens e mulheres, e não brasileiros, ou gaúchos, ou nortistas,
e — *last but not least* — patenteava-se a influência inglesa em
40 lugar da francesa, introduzia-se entre nós o humorismo.

A independência literária, que tanto se buscara,
só com este livro foi selada. Independência que não significa,
43 nem poderia significar, autossuficiência, e sim o estado
de maturidade intelectual e social que permite a liberdade
de concepção e expressão. Criando personagens e ambientes
46 brasileiros — bem brasileiros —, Machado não se julgou
obrigado a fazê-los pitorescamente típicos, porque a
consciência da nacionalidade, já sendo nele total, não carecia
49 de elementos decorativos. Aquilo que reputava indispensável
ao escritor, “certo sentimento íntimo que o torne homem do seu
tempo e do seu país, ainda quando trate de assuntos remotos
52 no tempo e no espaço”, ele o possuiu inteiramente, com
uma posse tranquila e pacífica. E por isso pôde — o primeiro
entre nós — ser universal sem deixar de ser brasileiro.

55 Todas essas qualidades, das quais algumas já se
haviām delineado nos livros anteriores do seu autor, fizeram
das **Memórias Póstumas de Brás Cubas** um acontecimento
58 literário de imenso alcance. Tanto no presente como no
passado alterava o nosso panorama literário, porque exigia a
revisão de valores que, segundo T. S. Eliot, se dá cada vez
61 que surge uma obra realmente nova. Aplicando ao restrito
patrimônio das letras brasileiras a fórmula empregada em
plano muito mais vasto pelo crítico inglês, podemos dizer
64 que o aparecimento do **Brás Cubas** modificou a ordem
estabelecida. (...)

Descontada a parte do coeficiente pessoal — sem
67 dúvida a mais importante — a obra de Machado de Assis
revela que já possuíamos, no fim do Segundo Reinado,
um organismo social melhor definido do que fãria supor
70 a confusão reinante nos domínios literários entre o indivíduo
e o meio físico ou o clã a que pertencia. (...) Abandonando
os episódios sentimentais a que até esse momento mais ou
73 menos se ativera, instalando-se no íntimo de suas criaturas,
Machado de Assis descobriu seres cujas reações
especificamente brasileiras não contrariavam o caráter mais
76 larga e profundamente humano.

E, entretanto — tais são os erros de perspectiva
dos contemporâneos —, o que a todos pareceu novidade
79 completa foi **O Mulato**, que inaugurava muito mais uma
maneira literária do que um ângulo de visão diferente. O
movimento naturalista a que deu início empolgaria os
82 escritores, marcaria com o seu sinete não apenas o decênio
que começava, mas também em boa parte o que se lhe seguiria,
enquanto que, na época, só Raul Pompéia se deixaria seduzir
85 pelas análises praticadas no **Brás Cubas**. Havia, porém,
nesses dois livros de indole tão diversa, um traço comum:
em ambos triunfava a observação.

Lúcia Miguel Pereira, *História da literatura brasileira – Prosa de ficção – de 1870
a 1920*. Rio de Janeiro: José Olympio/BNL, 1973, 3.ª ed., p. 53-5 (com adaptações).

QUESTÕES

Com base nas ideias expressas no texto I, julgue (C ou E) os itens 1 a 4.

1. Embora seja um objeto importante nos dois romances mencionados — **O Mulato** e **Memórias Póstumas de Brás Cubas** —, o “sinete” (l.82) mostra-se fundamental no romance de Aluísio Azevedo, de feição naturalista.
2. Segundo a autora do texto, o elemento de escândalo social intrínseco à temática de **Memórias Póstumas de Brás Cubas** não foi compreendido pelo meio intelectual, nem pelo público, no momento da publicação do romance na **Revista Brasileira**, em 1880, tampouco em seu lançamento em formato de livro, em 1881.
3. A autora argumenta, no texto, que o romance de Machado de Assis é representante de uma tendência analítica em literatura, ao passo que **O Mulato** demonstra tendência descritiva, tendo alcançado, na época de sua publicação, maior popularidade que **Memórias Póstumas de Brás Cubas**.
4. É possível concluir do texto que, tal como aconteceu em 1822 no plano político, a “independência literária” (l.41) de 1881 caracterizou-se como um movimento de “liberdade de concepção e expressão” (l. 44 e 45), uma vez que tanto **O Mulato** quanto **Memórias Póstumas de**

Brás Cubas expressaram o afastamento de seus autores da submissão intelectual a escritores estrangeiros, como Zola e Eça de Queirós.

Com relação a aspectos gramaticais do texto I, julgue (C ou E) os itens 5 a 8.

5. Sem prejuízo das informações originais do texto e de sua correção gramatical, o trecho “Abandonando os episódios sentimentais (...) larga e profundamente humano” (l. 71 a 76) poderia ser reescrito da seguinte forma: Ao abandonar os episódios sentimentais que até esse momento se tenha privilegiado e ao instalar-se no íntimo de suas criaturas, descobriu, Machado de Assis, seres em que reações tipicamente brasileiras não eram contrárias ao caráter humano no sentido mais largo e profundo.
6. Em “Descontada a parte do coeficiente pessoal” (l.66), a palavra “coeficiente” foi empregada no sentido de fator, circunstância.
7. A retirada do pronome oblíquo na oração “ele o possuiu inteiramente” (l.52) preservaria a correção gramatical e o sentido original do texto.
8. Os sujeitos das formas verbais “varriam-se” (l.31) e “afirmava-se” (l. 35) estão elípticos, e seu referente é a obra Memórias Póstumas de Brás Cubas.

TEXTO II

Texto II

1 Dei em passear de bonde, saltando de um para outro, aventurando-me por travessas afastadas, para buscar o veículo em outros bairros. Da Tijuca ia ao Andaraí e daí à Vila Isabel; 4 e assim, passando de um bairro para outro, procurando travessas despovoadas e sem calçamento, conheci a cidade — tal qual os bondes a fizeram alternativamente povoada 7 e despovoadas, com grandes hiatos entre ruas de população condensada e toda ela, agitada, dividida, convulsionada pelas colinas e contrafortes da montanha em cujas vertentes crescera. Jantava, uns dias; em outros, almoçava unicamente; 10 e houve muitos que nem uma coisa ou outra fiz. (...) Abelardo Leiva, o meu recente conhecimento, era poeta e revolucionário. Como poeta tinha a mais sincera admiração 13 pela beleza das meninas e senhoras de Botafogo. Não faltava às regatas, às quermesses, às tómbolas, a todos os lugares em que elas apareciam em massa; (...). Como revolucionário, 16 dizia-se socialista adiantado, apoiando-se nas prédicas e brochuras do Senhor Teixeira Mendes, lendo também formidáveis folhetos de capa vermelha, e era secretário 19 do Centro de Resistência dos Varredores de Rua. Vivia pobrememente, curtindo misérias e lendo, entre duas refeições 22 afastadas, as suas obras prediletas e enchendo a cidade com os longos passos de homem de grandes pernas.

Depois de nossas relações, era frequente passearmos 25 juntos. Saíamos às dez horas, tomávamos café e andávamos até as três ou quatro da tarde. A essa hora separávamo-nos em obediência a uma convenção tácita. Tratava-se de jantar 28 e cada um de nós ia arranjar-se. À tarde, encontrávamo-nos e íamos conversar a um café com alguns outros amigos dele, na mor parte desprovidos de dinheiro, com magros e humildes 31 empregos, pretendendo virar a face do mundo para ter almoço e jantar diariamente. Leiva era o chefe, era a inteligência do grupo, pois, além de poeta, tinha todos os preparatórios 34 para o curso de dentista. Eu gostava de notar a adoração pela violência que as suas almas pacíficas tinham, e a facilidade com que explicavam tudo e apresentavam 37 remédios. Embora mais moço que ele, várias vezes cheguei a sorrir aos seus entusiasmos. Creio que lhes não faltava inteligência, sinceridade também; o que não encontravam 40 era uma soma de necessidades a que viessem responder e sobre as quais apoiassem as suas furiosas declamações. Insurgiam-se contra o seu estado particular, oriundo talvez 43 mais de suas qualidades de caráter do que de falhas de temperamento. Eram todos honestos, orgulhosos, independentes e isso não leva ninguém à riqueza e à 46 abundância. Leiva era quem mais exagerava nos traços do caráter comum e se encarregava de pintar os sofrimentos da massa humana. Era um grupo de protestantes, detestando 49 a política, dando-se ares de trabalhar para obra maior, a quem as periódicas “revoluções” não serviam. Um ou outro acontecimento vinha-lhes dar a ilusão de que eram guias da 52 opinião. Leiva gabava-se de ter feito duas greves e de ter modificado as opiniões do operariado do Bangu com as suas conferências aplaudidas. Os outros, sem a sua enfiatura, 55 os seus rompantes de atrevimento e a sua ambição oculta, mais sinceros talvez por isso, limitavam-se a falar e a manifestar as suas terríveis opiniões em publicações pouco lidas.

58 No entanto, Leiva parecia-me mais sincero na sua poesia palaciana e de modista do que nas ideias revolucionárias. Não o julgava perfeitamente hipócrita; 61 era a sua situação que lhe determinava aquelas opiniões; o seu fundo era cético e amoroso das comodidades que a riqueza dá. Cessassem as suas dificuldades, elas desapareceriam e surgiria 64 então o verdadeiro Leiva, indiferente aos destinos da turba, dando uma esmola em dia de mau humor e preocupado com uma ruga no fraque novo que viera do alfaiate.

Lima Barreto. Recordações do escrivo Isaias Caminha. São Paulo: Brasiliense, 1956, p.133-6 (com adaptações).

QUESTÕES

Com relação às ideias desenvolvidas no texto II, julgue (C ou E) os itens 9 a 12.

9. No texto, o narrador emprega a expressão “grandes hiatos”(l.7) para se referir a locais despovoados da cidade, que ele ia conhecendo de bonde.
10. O narrador supõe existir um “verdadeiro Leiva” (l.64), que se vislumbra na “poesia palaciana e de modista” (l.59) deste personagem, e imagina que, caso passasse a viver em condições econômicas mais favoráveis, Leiva se revelaria descrente dos ideais revolucionários e atraído pelo conforto material.
11. O narrador discorda da opinião geral dos amigos de Leiva, que o julgam “perfeitamente hipócrita” (l.60), e considera que tal julgamento advém do meio pobre e humilde que Leiva frequenta.
12. Nos trechos “Eu gostava de notar a adoração pela violência que as suas almas pacíficas tinham” (l. 34 e 35) e “Era um grupo de protestantes, detestando a política” (l. 48 e 49), o narrador alude a uma ambivalência no comportamento de Leiva e de seus amigos.

Considerando as relações semântico-sintáticas estabelecidas no texto II, julgue (C ou E) os itens 13 a 16.

13. No período “Creio que lhes não faltava inteligência, sinceridade também; o que não encontravam era uma soma de necessidades a que viessem responder e sobre as quais apoiassem as suas furiosas declamações” (l. 38 a 41), as negações enfatizam a sequência de características depreciativas atribuídas ao grupo de Leiva, para o que contribui o emprego do adjetivo “furiosas” e do modo subjuntivo, que destaca a inconsistência de suas ações.
14. A conjunção “Embora” (l.37) pode ser substituída por Posto que, mantendo-se o sentido e a correção gramatical do texto.
15. O tom memorialista do primeiro parágrafo manifesta-se pelo uso predominante de formas verbais que denotam o início de determinadas ações, das quais são exemplos “Jantava” e “almoçava”, ambas na linha 10, e “Vivia” (l.20).
16. Da leitura do período “Como revolucionário, (...) dos Varredores de Rua” (l. 16 a 20), é correto inferir que, além de “formidáveis folhetos de capa vermelha”, o senhor Teixeira Mendes lia “prédicas e brochuras”.

TEXTO III

Texto III

1 Escrita em prosa e verso, a **Carta Marítima** é
formalmente um poema *sui generis*, que supera as divisões
convencionais do discurso. Quanto à mensagem, tem elementos
4 de uma alegre sátira ideologicamente avançada para
o acanhado meio português do tempo, na qual Sousa Caldas
censura os privilégios e a vida materializada, presa a uma
7 educação artificial e obsoleta, sugerindo a regeneração
da sociedade por meio de uma transformação como a
que lhe parecia estar em curso na França revolucionária.
10 No plano cultural, satiriza a tirania da herança greco-latina
e aspira a algo diferente, que não formula, sendo porém
significativo que enquanto menciona Homero como exemplo
13 de poeta desligado do real, fechado num mundo factício, louve
um moderno, Cervantes, que assim privilegia como autor
de obra-prima mais adequada ao tempo, e que de mais a mais
16 reforça o seu propósito na **Carta**, por ser ela própria uma sátira
contra costumes e convenções cedidas. Portanto, já em 1790
Caldas insinuava a necessidade de mudar os padrões, e o fazia
19 com mais força e originalidade do que faria seis anos depois
o francês Joseph Berchoux, na citadíssima e medíocre **Elegia
sobre os Gregos e os Romanos**, onde os acusa de lhe
22 infelicitem a vida. (...)

A mudança sugerida na **Carta** levaria o tempo de uma
geração para acontecer. Mas mesmo sem propor novos rumos
25 Sousa Caldas contribuiria a seu modo, ao descartar no resto
da obra a imitação da Antiguidade e voltar-se para os temas
religiosos, que o Romantismo consideraria mais tarde como um
dos seus timbres diferenciadores. Pelo fato de ter remontado
28 na tradução dos **Salmos** à poesia bíblica, embora nada tenha
de pré-romântico ele foi considerado mais ou menos precursor
31 a partir do decênio de 1830; mas é inexplicável que
os românticos nunca tenham mencionado a **Carta**, que
poderia, na perspectiva deles, ser lida como verdadeiro
34 manifesto modernizador.

Curioso a este respeito é o caso de Gonçalves de
Magalhães, que publicou em 1832 o pífio volume **Poesias**,
37 encharcado da rotina mais banal daquele momento de exaustão
literária, inclusive com recurso constante à mitologia clássica.
Mas no ano seguinte escreveu que não queria mais saber dela,
40 por clara influência da **Carta Marítima**, imitada quase
ritualmente numa **Carta ao Meu Amigo Dr. Cândido Borges
Monteiro** (datada do Havre, 1833), onde narra a sua própria
43 viagem à França. Vistas as coisas de hoje, isto parece uma
inflexão por influência de Sousa Caldas, antes da conversão
estética ocorrida em Paris e manifestada na revista **Niterói**.
46 Por que então nos escritos renovadores Magalhães não
mencionou esta sua precoce mudança de rota, nem mesmo
quando se referia a Sousa Caldas? Difícil imaginar os motivos,
49 sobretudo quando pensamos que os primeiros românticos
queriam a todo custo encontrar precursores, evocando
Durão, Basílio, São Carlos e Sousa Caldas entre os principais.
52 Talvez porque para quem tinha andado de braço com as musas
clássicas, como o Magalhães de **Poesias**, a carga mitológica
da **Carta Marítima** parecesse, na hora de renovar,
55 incompatível com a nova moda. Por isso, não apenas deixou
a sua própria **Carta** fora dos **Suspiros Poéticos**, mas só
se animou a publicá-la em 1864, no volume **Poesias Avulsas**
58 das suas obras completas, onde recolheu pecados da mocidade.
No entanto, se a tivesse divulgado na altura da sua pregação
renovadora ela teria sido (apesar da péssima qualidade)
61 um argumento de certo peso no rastreamento de sinais
precursores e da sua própria antecipação. (...)

No rasto de Magalhães, os primeiros românticos
64 também puseram de lado a **Carta** de Sousa Caldas, que talvez
tenham mesmo treslido, sem perceberem a força renovadora
que está implícita na sua brincadeira profilática e faz dela
67 indício precursor de certos aspectos que o nosso Romantismo
assumiria, sem deixar com isso de ser um documento,
plantado no solo setecentista da Ilustração.

Antonio Candido. *Carta Marítima. In: O discurso e a cidade.*
São Paulo: Duas Cidades, 1998, p. 220-2 (com adaptações).

QUESTÕES

**Julgue (C ou E) os itens 17 a 20.,
relacionados às ideias desenvolvidas
no texto III.**

17. Antonio Candido afirma que Sousa Caldas, em **Carta Marítima**, escreveu um poema satírico que mostrava avanços em relação ao seu tempo, até mesmo pelo fato de o poeta fazer referência laudatória a um escritor como Miguel de Cervantes.
18. De acordo com Antonio Candido, os autores românticos, entre eles Gonçalves de Magalhães, não fizeram referência à **Carta Marítima**, apesar de Sousa Caldas ser um poeta conhecido naquele momento e de o poema conter aspectos modernizadores buscados pela poesia romântica.
19. Segundo o texto, Sousa Caldas, em **Carta Marítima**, repudiou os temas religiosos e preferiu salientar os mitos da Antiguidade clássica que permitissem fazer uma sátira surpreendente no meio social do seu tempo.
20. Conclui-se do texto que Sousa Caldas, ao escrever a **Carta Marítima**, renunciou o Romantismo brasileiro, tendo criticado a “exaustão literária” (l. 37 e 38) da poesia de Gonçalves de Magalhães, que, no ano anterior, havia publicado um volume pífio intitulado **Poesias**.

Com relação a aspectos gramaticais do texto III, julgue (C ou E) os itens 21 a 24.

21. A substituição do vocábulo “encharcado” (l.37) por repleto preservaria o estilo original do período, embora acarretasse prejuízo ao teor metafórico da construção.
22. A substituição da conjunção “embora” (l.29) pela conjunção conquanto prejudicaria o sentido original do texto.
23. A substituição da oração relativa “que não formula” (l.11) por embora não a formularia e sua correção gramatical, desde que fossem mantidas as vírgulas que isolam referida oração.
24. Dados os sentidos do texto, é correto afirmar que os sujeitos elípticos das formas verbais “privilegia” (l.14) e “reforça” (l.16) têm referentes distintos.

Com relação a aspectos linguísticos e textuais do texto III, julgue (C ou E) os itens 25 a 28.

25. Com o emprego de construções como “Vistas as coisas de hoje” (l.43) e “Difícil imaginar os motivos” (l.48) e da forma verbal “pensamos” (l.49), o autor confere um tom impessoal ao texto.
26. Os adjetivos “pífio” (l.36) e “encharcado” (l.37) e a expressão “exaustão literária” (l. 37 e 38) são empregados, no texto, em sentido conotativo.

27. Sem prejuízo das informações originais do texto e de sua correção gramatical, o trecho “No rasto de Magalhães, (...) sua brincadeira profilática” (l. 63 a 66) poderia ser reescrito da seguinte forma: Os primeiros românticos também ignoraram a Carta de Sousa Caldas; assim como Magalhães, não perceberam a força subjacente em sua brincadeira preventiva, e talvez eles mesmos a tenham lido às avessas.

28. A expressão “a este respeito” (l.35) retoma a ideia defendida no parágrafo anterior: Sousa Caldas contribuiu a seu modo para as mudanças na poesia do Romantismo, embora não tenha proposto caminhos novos.

TEXTO 6A1BBB

Texto 6A1BBB

1 A humanidade não aceitará uma língua não natural
para a comunicação natural. Isso é contra a tendência dos seus
instintos. Nenhum homem, “que seja homem”, achará natural
4 conversar, aceitando ou recusando uma bebida, em Volapuque,
ou Esperanto, ou Ido ou em qualquer outra fantochada do
gênero. Preferirá falar, gaguejando, uma língua estranha, mas
7 natural, do que falar, com relutante perfeição, uma língua
artificialmente construída. O homem é um animal apesar de
muitos o esquecerem, ele ainda é um animal irracional, como
10 todos o são.

Fernando Pessoa. A Língua Portuguesa. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

QUESTÕES

Com relação à variação linguística, aos fatores de textualidade e aos aspectos linguísticos do texto 6A1BBB, julgue os itens 29 e 30.

29. A regência do verbo preferir observada no quarto período do texto é típica da variedade culta do português europeu, sendo pouco frequente na variedade brasileira do português, principalmente em textos informais.
30. Em “apesar de muitos o esquecerem” (ℓ . 8 e 9), a partícula “o” refere-se a “O homem” (ℓ .8).

FOLHA DE RESPOSTAS

ANOTAÇÕES:	Questão	Resposta
	01	
	02	
	03	
	04	
	05	
	06	
	07	
	08	
	09	
	10	
	11	
	12	
	13	
	14	
	15	
	16	
	17	
	18	
	19	
	20	
	21	
	22	
	23	
	24	
	25	
	26	
	27	
	28	
	29	
	30	

GABARITO

Questão	Resposta	ANOTAÇÕES:
01	E	
02	E	
03	C	
04	E	
05	E	
06	C	
07	C	
08	E	
09	C	
10	C	
11	E	
12	C	
13	E	
14	C	
15	C	
16	E	
17	C	
18	C	
19	E	
20	E	
21	E	
22	E	
23	E	
24	C	
25	C	
26	E	
27	E	
28	E	
29	E	
30	E	



COMO TIRAR O MÁXIMO PROVEITO DE UM SIMULADO

1



LUGAR RESERVADO

ESCOLHA UM LUGAR RESERVADO E SILENCIOSO PARA REALIZAR O SIMULADO. SE MORA COM MAIS PESSOAS, AVISE-AS PARA QUE NÃO INCOMODEM DURANTE A REALIZAÇÃO.

2



CRONOMETRE

OBSERVE NO EDITAL DO SEU CONCURSO QUAL SERÁ A DURAÇÃO DO CERTAME E FAÇA O SIMULADO NO TEMPO EQUIVALENTE. APRENDA A DISTRIBUIR O TEMPO ENTRE AS QUESTÕES. NÃO DEIXE PARA DESCOBRIR NO DIA DA PROVA QUAIS TIPOS DE QUESTÕES MERECEM MAIS TEMPO DA SUA ATENÇÃO.

3



BEBA ÁGUA

DURANTE A PROVA, MANTENHA-SE SEMPRE HIDRATADO. ESTUDOS COMPROVAM A EFICIÊNCIA ENTRE A ÁGUA E O BOM DESEMPENHO MENTAL.

4



BALANÇO

DEPOIS DO TÉRMINO DO SIMULADO, CONFIRA O GABARITO, ANALISE QUAIS SÃO SEUS PONTOS FORTES E OS PONTOS FRACOS PARA O DEVIDO AJUSTE NO SEU CRONOGRAMA DE ESTUDOS.

5



RETA FINAL

A EQUIPE A CASA DO SIMULADO DESEJAMOS A TODOS UMA BOA PROVA!

A CASA DO SIMULADO